

A secretária onde Shusaku Endo escrevia, com um retrato emoldurado da mãe em cima. Atrás, uma fotografia do escritor japonês



Shusaku Endo quis o seu museu na terra dos cristãos-escondidos

Literatura. Sotome aparece no início de *Silêncio*, de Martin Scorsese, inspirado num romance homónimo do escritor japonês. Um litoral agreste que se transformou em local de peregrinação

LEONÍDIO PAULO FERREIRA
em Nagasáqui e Tóquio

Situado numa colina, o Museu Literário Shusaku Endo está virado para o mar de Goto, onde ficam as ilhas que serviram de refúgio para muitos cristãos durante a perseguição no século XVII. Para quem viu o filme *Silêncio*, estas são as paisagens da chegada dos dois jesuítas portugueses ao Japão em busca de Cristóvão Ferreira, o padre apóstata. Martin Scorsese filmou em Taiwan, mas foi aqui em Sotome que se inspirou, tal como antes dele o próprio Endo, autor do romance que serviu para o guião do realizador americano. Aliás, o local e a sua história, a 40 minutos de carro de Nagasáqui, impressionaram de tal forma o escritor que, apesar de nascido em Tóquio, cá foi instalado o museu que expõe os seus originais e outros pertences.

"Temos 30 mil peças doadas pela família, como manuscritos e

até a secretária onde Shusaku Endo escrevia", explica a curadora Saori Kitamura, que acrescenta que o museu foi inaugurado em 2000, quatro anos após a morte do romancista, um dos nomes grandes da literatura japonesa mesmo sem ter recebido o Nobel como Yasunari Kawabata e Kenzaburo Oe.

Já parte de vários roteiros de peregrinação, sobretudo de turistas vindos da Coreia do Sul onde existe uma forte comunidade católica, o museu viu de repente o número de visitantes aumentar por causa de *Silêncio*, que está a ser exibido nos cinemas japoneses. "Em dezembro, os visitantes duplicaram em relação a dezembro de 2015. Em janeiro, quadruplicaram", conta Kitamura. E logo à entrada surgem cartazes sobre o filme de Scorsese, com uma palestra a estar anunciada para daqui a uns dias sobre o tema do Kakure Kirishitani, os "cristãos-escondidos", que mantiveram a sua fé nos dois séculos de isolamento do Japão ao mundo.



Cartaz sobre *Silêncio*, livro de 1966 do japonês Shusaku Endo que o americano Martin Scorsese levou agora ao grande ecrã

O museu tem apenas um piso, com um teto mais elevado ao centro, quase a lembrar uma igreja. Até a janela lá em cima recorre a vitrais. O catolicismo do escritor é evidente na exposição, pois entre as folhas originais de *Silêncio* e o violino que a mãe tocava, surgem uma Bíblia, um rosário, até uma imagem de Nossa Senhora. E entre as muitas fotografias com personalidades, uma é com João Paulo II.

Shusaku Endo nasceu em Tóquio em 1923. Pertencia a uma família abastada e acompanhou os pais quando estes se instalaram na Manchúria, parte da China então ocupada pelo Japão. Quando os pais se divorciaram, veio com a mãe viver junto de uma tia em Kobe. Terá sido essa tia a influenciar a conversão tanto da mãe como do adolescente ao catolicismo, que então se tornara parte da vida japonesa, como mostravam as novas igrejas construídas um pouco por todo o país. É o caso da de Oura, em Nagasáqui, a cidade que no século

XVI tinha chegado a ser administrada pela Companhia de Jesus.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Shusaku Endo teve de suspender os estudos universitários e trabalhar numa fábrica de munições. As duas bombas atómicas americanas, que terminaram a Segunda Guerra Mundial em 1945, abalaram a sua fé, até por coincidências trágicas como a destruição da catedral de Urakami com a explosão de 9 de agosto em Nagasáqui. Essas dúvidas estão de certa forma expressas em *Silêncio*, livro de 1966, que teve em 1971 uma primeira adaptação cinematográfica pelo japonês Shinoda Masahiro, também lembrado neste museu, onde uma televisão passa excertos da película. O realizador português João Mário Grilo, em *Os Olhos da Ásia*, de 1996, também abordou a história de Cristóvão Ferreira, interpretado agora no filme de Scorsese pelo irlandês Liam Neeson.

O filme americano, ignorado pelos Óscares, deu nova popularidade a *Silêncio* no Japão, apesar de muita gente recordar-se de o ler na juventude, mesmo sem ser parte do currículo escolar. Mihoko Oka, professora na Universidade de Tóquio, confirma o renovado interesse, que não sabe se é "verdadeiro ou apenas moda". Segundo esta historiadora, conhecedora da presença pioneira portuguesa no Japão, "vai-se agora a qualquer livraria e encontra-se um espaço reservado só a *Silêncio* e a livros com a temática dos cristãos perseguidos e da presença europeia a partir de 1543".

"É um filme que em geral respeita a verdade histórica e que mostra como foi preciso muita repressão para acabar com uma fé que chegou a ter centenas de milhares de seguidores no Japão", conta o padre Renzo de Luca, o jesuíta argentino que dirige o museu do Santuário dos 26 Mártires de Nagasáqui, que recorda a chegada do cristianismo com São Francisco Xavier em 1549. Esta colina, onde a 5 de fevereiro de 1597 foram crucificados 26 cristãos, é um dos locais que mais impressionam quem conhece a história da perseguição feita pelos xóguns em nome da unidade japonesa. Shusaku Endo não terá sido exceção, mesmo que a ele, como a outros, servisse um pouco de consolação que Nagasáqui tenha hoje umas dezenas de milhares de cristãos que vivem em paz com os compatriotas xintoístas e budistas.

O DN viajou a convite do MNE do Japão

Silêncio, com chancela da D. Quixote, é uma obra essencial de Shusaku Endo. Em Portugal também foi editado Vida de Jesus